

OS AMANTES

MIDU GORINI



midugorinibook

primeira edição

MIDU GORINI

OS AMANTES

“Conto longo” (“long-short story”)

Primeira edição



**Brasil. Catalogação na fonte
midugorinibook**

midugorini@bol.com.br

2009 ©

Midu / Gorini, Romildo Filho, 1955.
OS AMANTES ® primeira edição

I. literatura brasileira. I. título

OS AMANTES

Epígrafe Indispensável

— Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar da altitude, um forte ar. É preciso ser feito para ele, senão o perigo de se resfriar não é pequeno. O gelo está perto... , mas com que tranqüilidade está todas as coisas, à luz, com que liberdade se respira... , o autêntico livro do ar das alturas.

Friedrich Nietzsche.

OS AMANTES

Preâmbulo

— Um conto policial para poucos, que possui o ar forte da altitude, o gelo está ao lado, resta saber se você é feito para ele e sabe respirar o ar forte das alturas. Um ar, com pouco oxigênio e fragmentos de fatos verídicos, regados a sangue frio, dominados por violenta emoção.

Midu Gorini

Os amantes

¥ — £ § 1.0 – O último encontro.

Seu Flores fazendeiro experiente corria o pasto a cavalo, naquela tarde que ardia sem covardia ao sol, observava cuidadosamente o gado. No acalento lento do vento, verificava atentamente a cerca de sua pequena fazenda, quando avistou no céu azul o vôo negro dos urubus, anunciando a morte. Intrigado pensou “o que está acontecendo na minha plantação de eucaliptos, para esses bichos revoarem em círculos sobre ela”.

A princípio pensou que era algum boi fujão, que havia morrido por lá, mas ao se aproximar da plantação de eucaliptos, avistou uma camionete vermelha abandonada. O cheiro de carniça era insuportável, a poucos metros do veículo a visão aterrorizadora, um homem nu em avançado estado de decomposição sem os seus órgãos genitais.

Imediatamente pegou o celular e relatou o fato para a delegada Dr^a. Aldira, ela chegou ao local do crime em quarenta minutos, acompanhada de dois detetives e do perito criminal. O corpo foi facilmente identificado, pois suas roupas, carteira e documentos, foram encontrados intactos no interior da camionete. Tratava-se de Leonardo, casado, 36 anos, presidente da cooperativa agrícola local.

O perito criminal encontrou marcas no chão de pneus de moto, que adentravam a plantação de eucaliptos, todos seguiram a pé essas marcas por trezentos metros. E uma nova visão aterrorizadora desvelou-se, ao lado da moto preta abandonada, um corpo de mulher nua em avançado estado de decomposição, com uma estaca de madeira enterrada na sua vagina. O corpo também foi facilmente identificado, pois as suas roupas, carteira e documentos, foram encontrados intactos em cima do banco da moto. Tratava-se de Orazília, casada, 28 anos, contadora da cooperativa agrícola local.

Dr^a. Aldira, frente às evidências concluiu, “isto não foi latrocínio, foi crime passionai”, depois complementa com profunda tristeza na voz, mas em alto e bom som para todos ouvirem “Orazília era minha cunhada e estava desaparecida há três dias. Ela era casada com o meu irmão do meio, o Jorginho”. A comoção de todos foi instantânea.

Em seguida a delegada determinou aos detetives e ao perito, as providências a serem tomadas e retornou sozinha para a delegacia. Lá cumpriu o doloroso dever de informar pessoalmente, os cônjuges das vítimas e intimá-los tacitamente para depor, na delegacia cinco dias após o enterro, depois disso, Dr^a. Aldira passou o caso para o delegado Martin.

O estardalhaço da imprensa local teve ampla repercussão no noticiário nacional, questionavam em suas reportagens:

“Porque eles Morreram?”

§ 1.1 – O indiciamento.

O Dr. Martin trabalhou incessantemente, com uma única pausa para acompanhar o enterro da cunhada da Dr^a. Aldira. Sua primeira medida foi pedir ao juiz Dr. Plácido, que aceitou e determinou o segredo de justiça na investigação, no processo, nos dados e nas informações dadas pelas autoridades judiciais. Sua segunda medida foi pedir ao mesmo juiz, que aceitou e decretou a quebra do sigilo telefônico de Lurdes, esposa do Leonardo e de Jorginho esposo da Orazília.

A perícia policial concluiu pelo sangue encontrado no chão ao lado das vítimas, que eles morreram antes de terem os seus corpos barbarizados e vilipendiados. A autópsia revelou, por meio de RX, que Leonardo e Orazília foram executados com tiros de um revólver calibre 38 na cabeça, cada um levou três tiros, Dr. Vitor retirou os projéteis enviando-os para a perícia policial, em seguida liberou os corpos para o enterro.

Cinco dias após o enterro o delegado fez a oitiva de Lurdes e horas depois Jorginho, ambos alegaram que não sabiam de nada e estavam chocados com a morte prematura dos cônjuges. Lurdes deu queixa do desaparecimento do marido, há três dias, Jorginho a dois, pois estava viajando a trabalho e só notou o desaparecimento da esposa, quando retornou a sua residência.

Mas dez dias após os depoimentos o promotor Dr. Miguel pede a prisão preventiva de Jorginho ao juiz, fundamentado em uma ligação telefônica, conseguida com a quebra do sigilo telefônico.

No dia seguinte Jorginho é preso, ele escutou na delegacia a gravação da ligação telefônica, feita dez dias antes do crime de um telefone público para o seu celular:

- Alô.
- Quem fala?
- Jorginho, quem é?
- Um amigo seu pediu para eu te ligar e te dar o seguinte recado.
- Quem está falando?
- Vai escutar o recado ou não, estou apenas fazendo um favor para o seu amigo.
- Que amigo?
- Vai escutar o recado ou não, é coisa séria?
- Desembuche.
- O seu amigo só não te ligou, porque a voz dele seria imediatamente reconhecida por você.
- Desembuche logo o recado.
- Sua esposa está lhe traindo com o presidente da cooperativa.
- Verifique a caixa do correio no muro da sua casa, tem um envelope contendo um CD com algumas imagens gravadas.
- Não brinque comigo que eu mato os dois.

— Não estou brincando, o recado foi dado corno.

Jorginho em seu depoimento ao delegado alegou inocência, disse que o telefonema foi um trote de mau gosto e que a frase “Não brinque comigo que eu mato os dois” era apenas uma força de expressão, uma bravata em relação a quem falava ao telefone e ao amigo anônimo. Mas é indiciado mesmo assim, como mandante de duplo homicídio triplamente qualificado.

§ 1.2 – Dr. João.

Dois dias após a prisão de Jorginho, a sua irmã liga para a minha secretária Márcia, que entra na minha sala e me diz: — João a Dr^a. Aldira acabou de me ligar, está vindo para cá, acho que ela quer que você defenda o irmão dela.

— O irmão da delegada continua preso, Márcia?

— Sim, mas pelo o que eu li nos jornais o advogado de defesa dele continua tentando o relaxamento da prisão preventiva.

Em poucos minutos a Dr^a. Aldira, elegantemente trajada com seu taieur bege e marrom, entra na minha sala e educadamente me diz: — João eu preciso de sua ajuda.

— Em que posso ajudá-la Aldira?

— O meu irmão é inocente, mas é cabeça dura e não aceita trocar de advogado de defesa, mas eu repito, ele é inocente. O inquérito corre em segredo de justiça, nem eu que sou delegada estou tendo acesso a todos os laudos. Queria que você me ajudasse a esclarecer esse crime, já que estou fora do caso e não posso investigar diretamente. Sei que você é um advogado criminalista ocupadíssimo com seus afazeres, mas gostaria de saber se poderia me ajudar.

— O Dr. Martin conseguiu alguma evidência que ligasse a Lurdes ao crime?

— Nada João, o Martin vasculhou a vida dela de cabo a rabo e nada.

— Aldira, eu vou transferir toda a minha agenda para o meu advogado assistente, e vamos ver se conseguimos esclarecer toda essa situação. Um começo seria investigar o vice-presidente da cooperativa.

— Eu lhe agradeço muito João. Quanto ao vice eu já investiguei, sei que cometi algumas irregularidades na investigação, mas vamos lá, o homem é um santo.

— Como assim, Doutora?

— Ele é presbítero, pretende virar pastor. Entrei em contato com um amigo, delegado da Receita Federal, ele me disse que os bens do vice-presidente declarados, são compatíveis com a sua renda. Depois entrei em contato com um amigo do Banco Central, que me deve um favor muito grande, ele me disse que toda a movimentação financeira do vice é compatível com os seus rendimentos. Essas mesmas informações eu recebi em relação ao presidente e também em relação à contadora, ao gerente de

compras, de vendas e ao gerente financeiro.

— Todo mundo é santo nesta cooperativa?

— Aparentemente sim, João.

— Pelo menos o presidente era amante da contadora?

— Sim, pelos rumores que corriam pelos corredores da cooperativa, sim. Ele era amante da minha cunhada, coitadinho do meu irmão.

Para evitar que Aldira se emocionasse, mais ainda, rapidamente mudei de assunto: — Reverso, o advogado da cooperativa é meu amigo, vou falar com ele e ver se descubro alguma coisa.

— Obrigado João, agora tenho que ir, entre em contato.

— Entrarei, fique tranqüila.

§ 1.3 – Dr. Reverso.

No dia seguinte, às nove horas da manhã, Reverso prontamente me recebeu com muita cordialidade no seu escritório na cooperativa, depois foi direto ao assunto: — Que manda João?

— Preciso de algumas informações suas, para tentar esclarecer o crime que chocou a cooperativa?

— Você não está defendendo aquele facínora, que mandou matar o nosso presidente e nossa querida contadora.

— Não, mas lhe asseguro que ele é inocente, Reverso.

— Então quem é a responsável por esses crimes bárbaros, a Lurdes?

— Até provem ao contrário, também não. O Dr. Martin virou a vida dela do avesso e não encontrou nada.

— Mas, neste caso quem é o verdadeiro responsável por essas mortes?

— Pelo que foi levantado até agora, eles não tinham inimigos, mas eram os responsáveis pelo dinheiro da cooperativa, juntamente com o gerente financeiro.

— Você suspeita do envolvimento do nosso gerente financeiro?

— Não, mas por exclusão, acho que os dois foram assinados, para encobrir alguma falcatura financeira.

— Sua tese está errada João, esse crime foi passional, mas se você insiste nessa hipótese financeira, posso tentar te ajudar. O que você quer saber exatamente?

— Já houve algum roubo ou desfalque significativo na cooperativa, envolvendo funcionários?

— Isso é informação sigilosa, me promete manter sigilo?

— Sim

— Há oito anos descobrimos uma quebra técnica, fora do comum, no silo que armazenava o milho do estoque regulador do governo. Foi feito uma vistoria e não descobrimos nenhuma irregularidade no silo.

— Desculpe-me interromper Reverso, mas como funciona esse negócio de quebra técnica?

— Simples João o caminhão é pesado na balança, o milho é descarregado no silo, com o armazenamento os grãos perdem umidade e conseqüentemente peso. Isto é chamado de quebra técnica, entendeu?

— Sim, e essa perda de peso equivale a quantos por cento dos grãos armazenados no silo?

— Dois a três por cento no máximo, acima disso o silo tem problema ou foi roubo mesmo.

— Qual a capacidade de armazenagem de um silo desses?

— Cento e oitenta mil toneladas de grãos ou três mil sacas de sessenta quilos.

— Mas como funciona a dinâmica desse silo na safra de grãos?

— Simples João, o grão é armazenado no silo e a cooperativa passa a vendê-lo assim ele vai se esvaziando, mas como os produtores continuam a entregar os grãos colhidos para armazenagem, um silo desse porte se enche e se esvazia, varias vezes durante a safra.

— Reversion atualmente existe algum silo, apresentando uma quebra técnica superior a esperada?

— Vou ligar para o Gustavo, nosso auditor interno.

Ele liga para o auditor, Gustavo lhe informa que existe um silo novo no entreposto 3 de recebimento de soja, apresentando uma quebra técnica de um por cento acima do esperado. O fato se repetiu nas três safras em que ele foi utilizado, o departamento técnico fez uma vistoria minuciosa no silo, nas três safras e nada foi encontrado de errado. Diante desse fato pedi uma autorização para Reversion: — Posso falar com o gerente do entreposto 3, às duas horas da tarde?

— Sim, vou ligar para ele e explicar a situação, se descobrir alguma coisa relevante, relate primeiro a mim.

§ 1.4 – O balanceiro.

Às duas horas da tarde Henrique, o gerente do entreposto 3 me recebe no seu escritório. Ele me relata a sua grande preocupação com esse silo, porque não conseguia achar nenhuma falha estrutural que justificasse uma quebra técnica, de um por cento acima do esperado. Quando eu lhe perguntei se ele suspeitava de roubo, Henrique ficou em dúvida, mas achava que não, pois confiava nos seus funcionários, o mais novo foi contratado há cinco anos. Frente a esses fatos argumentei:

— Henrique o fato é soja não evapora, portanto se o silo está em perfeitas condições de uso alguma coisa de estranho aconteceu, concorda?

— Sim Dr. João, com certeza alguma coisa de muito estranha aconteceu.

— Algum funcionário do entreposto, demonstra ter dinheiro ou bens incompatíveis com o seu salário.

— O Justino que trabalha no setor administrativo, mas deste que ele

foi contratado há seis anos, sempre falou pelos quatro cantos do entreposto que iria receber uma herança deixada pelo pai. Ele recebeu essa herança no ano passado.

— Interessante, não foi no ano passado que este silo entrou em operação?

— Sim.

— O Justino sozinho poderia provocar um desfalque desses?

Percebi que o Henrique empalideceu, quando escutou essa pergunta.

— Não precisaria da ajuda do balanceiro. Só que tem um detalhe Dr. João, na safra como o movimento é muito grande, eu coloco o Justino para trabalhar na balança de manhã, como balanceiro e a tarde no setor administrativo, atendendo os produtores que querem vender sua soja para a cooperativa. Como não pensei nisso antes, o Justino pode provocar um roubo desses sim, desde que tenha um comparsa que receba o cheque lá na matriz.

— Tem como verificar quantos e quais caminhões ele pesou, para depois cruzar esses dados com a lista de produtores que venderam parte de sua safra de soja, através do Justino?

— Isto é muito fácil Dr. João é só eu verificar no computador.

Em poucos minutos o Henrique me entregou uma relação com os números das placas dos caminhões, imediatamente enviei por fax essa relação para a delegada Aldira, pedindo urgência urgentíssima na averiguação dos veículos. Depois o gerente me entregou outra relação contendo o nome dos produtores e de suas respectivas propriedades, dizendo: — Dr. João na lista tem o nome do produtor cooperado Kurt Fritz Albrecht, acontece que ele já morreu e seus filhos arrendaram a sua fazenda, para um cooperado de uma cooperativa concorrente a nossa, portando a produção da fazenda do seu Albrecht, não foi armazenada aqui.

— Tem certeza absoluta disso Henrique?

— Tenho, pois quem arrendou a fazenda dele foi o primo da cunhada da minha “ex” esposa.

— Vou ligar para a delegada Dr^a. Aldira e pedir que ela venha até aqui.

Exatamente às três horas da tarde, a delegada chega ao entreposto 3, trajando um impecável taieur cinza.

§ 1.5 – A casa caiu!

No escritório do gerente coloquei a Aldira a par de todos os fatos, ela pediu para o Henrique chamar o Justino. Quando chegou o gerente lhe disse “Justino conheça o Dr. João advogado e a Dr^a. Aldira, delegada de polícia”. Empalidecido e tremendo ele nos cumprimentou discretamente com a cabeça e sento-se cabisbaixo, praticamente ele confessou o seu roubo sem dizer-nos uma só palavra, quando a delegada lhe disse:

— A casa caiu Sr. Justino, vai confessar aqui ou nos fundos da minha delegacia?

Ele começou a chorar copiosamente, enxugando as suas lágrimas sonoras ele respondeu para a delegada: — Vou contar tudo.

Justino esclareceu os fatos, a idéia do roubo partiu do Gustavo, que contaria com a ajuda do seu primo Renê. O esquema era muito simples, Justino pesava um caminhão carregado com soja, a balança não era eletrônica e sim mecânica, o que lhe permitia ticar duas vezes o romaneio de controle, gerando uma documentação verdadeira e uma falsa. Justino preenchia essa documentação falsa utilizando o nome da fazenda do seu Albrecht e ligava para a matriz autorizando o pagamento da soja. Renê sacava o cheque e fazia o depósito no banco, se passando por arrendatário da fazenda. Depois eles dividiam o dinheiro em partes iguais.

Um fato ficou claro para mim, o Justino não era capaz de matar uma mosca, quanto mais duas pessoas. A delegada também percebeu este fato, talvez por isso, não lhe fez nenhuma pergunta sobre o crime.

Partimos as quatro e quinze, em comboio para a matriz da cooperativa, no escritório de Reverso, apenas eu e a Aldira, quando Gustavo entrou e sentou confortavelmente na poltrona depois de ser apresentado a nós.

A delegada lhe disse, com a educação de sempre: — Senhor Gustavo, o Justino está preso confessou o roubo e sua participação nele.

Na maior ironia ele interrompe a delegada: — Que roubo? Se houve algum eu não tenho nada a ver com isso.

Então a delegada resolve jogar-lhe um verde, para ver se ele caía de maduro e complementou, dando um tiro no escuro: — O problema Sr. Gustavo é que seu primo Renê, também está preso e falou para mim que o senhor atirou no presidente e na contadora.

A reação do Gustavo foi imediata, em um ato reflexo ele gritou: — Mentira, quem atirou foi ele, o revólver está enterrado no quintal da casa dele.

§ 1.6 – Porque eles morreram?

Em seu depoimento na delegacia, Gustavo deixou claro o motivo do crime. O presidente estava preocupadíssimo com o silo do entreposto 3 e lhe pediu uma auditoria completa no entreposto e que após essa auditoria ele iria tomar algumas medidas, entre elas transformar a balança mecânica em eletrônica informatizada, inviabilizando o roubo continuado idealizado pelo auditor.

O crime foi planejado por Renê, depois que Gustavo lhe contou dos comentários da existência de um romance entre a contadora e o presidente.

Renê passou a segui-los e descobriu que eles se encontravam às escondidas, toda quinta-feira na plantação de eucaliptos do seu Flores, um local afastado de difícil acesso. Justino sabia do crime planejado, mas se

negou terminantemente em participar da sua execução.

Renê e Gustavo armaram uma tocaia no local, primeiro chegou o presidente com sua camionete, poucos minutos depois a contadora com sua moto, só então encapuzados eles deram voz de assalto ao casal, ordenaram que se despissem e ficassem de joelhos. Renê deu três tiros na nuca do presidente, em desespero a contadora foi levada pela dupla a trezentos metros de distância, onde foi executada com três tiros na cabeça, depois de ser abusada sexualmente por Gustavo.

Para caracterizar bem o crime como sendo de motivação passional, não mexeram nos pertences das vítimas, enterram uma estaca de madeira na vagina da contadora e cortaram os órgãos genitais do presidente. Depois os órgãos e o revolver foram enterrados dentro de um saco plástico, no quintal da casa de Renê. Dias antes do crime para incriminar o marido da vítima, ligaram para ele, mas como não havia CD nenhum certamente Jorginho concluiria que a ligação era um trote, e foi o que realmente aconteceu.

§ 1.7 – O desenrolar dos fatos.

No dia seguinte de manhã a imprensa noticia com grande estardalhaço a reviravolta no caso, Jorginho foi solto em poucos dias. Justino, Gustavo e Renê aguardam presos pelo julgamento dos seus crimes.

MIDU GORINI **OS AMANTES**

“Conto longo” (“long-short story”)

Primeira edição

